

A Verdadeira grammatica latina de Amaro de Roboredo

1. Introdução

Amaro de Roboredo é o mais importante gramático português da primeira metade do século XVII. Nascido¹ na terra fria transmontana de Algosó, que pertencia à então recém criada diocese de Miranda-Bragança, publicou, durante uma década, entre 1615 e 1625, algumas obras gramaticais imprescindíveis ao estudo da historiografia linguística portuguesa e da didáctica das línguas, particularmente as clássicas ou “escolásticas”.

Com efeito, em 1615, editou a *Verdadeira grammatica latina para se bem saber em breve tempo, scritta na lingua Portuguesa com exemplos na Latina* (Lisboa: Pedro Craesbeeck) e *Regras da Orthographia Portuguesa* (Lisboa: António Álvares), esta ainda hoje desaparecida, mas, segundo o Abade de Baçal, seria apenas uma “uma folha raríssima”

¹ Para mais detalhe da sua biobibliografia, veja-se: Assunção, Carlos e Fernandes, Gonçalo (2007): “Amaro de Roboredo, gramático e pedagogo português seiscentista, pioneiro na didáctica das línguas e nos estudos linguísticos”. In: Roboredo, Amaro de: *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Edição facsimilada. Prefácio e Estudo Introdutório de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Colecção Linguística, 1, XII-XXIII; e Fernandes, Gonçalo (2002): *Amaro de Roboredo, um Pioneiro nos Estudos Linguísticos e na Didáctica das Línguas*. Tese de Doutoramento. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 75-133.

(Alves 1931: 449). Em 1619, publicou a sua mais importante obra linguística, o *Methodo Grammatical para Todas as Linguas* (Lisboa: Pedro Craesbeek)², composta por três partes: “Grammatica exemplificada na Portuguesa, & Latina”, entre as páginas 1 e 78, que termina com um suplemento de três páginas intitulado “Recopilaçam da grãmatica portugueza, e latina, pela qual com as 1141 sentenças insertas na arte se podem entender ambas as línguas”; “Copia de Palavras exemplificada nas latinas, artificio experimentado para entender Latim em poucos meses”, da 79 à 181; e “Phrase exemplificada na Latina, em que e exercitão as syntaxes ordinarias, & collocação rhetorica”, entre a 182 e 241. Em 1621 (ou 1623³), fez sair dos prelos o dicionário *Raizes da Lingua Latina mostradas em hum trattado e dictionario, isto he, hum compendio do Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a ortografia, quantidade e frase dellas* (Lisboa: Pedro Craesbeek). Em 1623, editou a *Porta de linguas*⁴ ou modo muito accommodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola. Agora accrescentada a portuguesa com numeros interliniaes, pelos quaes possa entender sem mestre estas linguas o que as não sabe, com as raizes da Latina mostradas em hum compendio do Calepino, ou por melhor do Tesouro, para os que a querem aprender, e ensinar brevemente; e para

² Reproduzimos recentemente uma edição facsimilada do *Methodo Grammatical para Todas as Linguas*, em virtude de, especialmente, termos encontrado (apenas) dois exemplares completos, com o suplemento “Recopilaçam da grãmatica portugueza, e latina”, um na Casa Forte da Biblioteca do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (SP 1702 CF), em Lisboa, e outro na Washington University Library (P201.R63 1619), nos Estados Unidos da América, pois, em todos os restantes exemplares, o suplemento foi retirado.

³ É possível que, apesar das datas de edição, este dicionário só tenha sido publicado em 1623 em conjunto com a *Porta de Línguas*, pois não tem as licenças de publicação e o título desta regista-se como sendo parte integrante daquela, *sc.*, *Porta de Linguas (...) Com as raizes da Latina mostradas em hum compendio do Calepino, ou por melhor do Tesouro*.

⁴ Esta obra não é uma simples tradução da edição espanhola da *Ianua Linguarum* (Salamanca: Franciscum de Cea Tesa) dos jesuítas irlandeses radicados em Salamanca, cuja edição *princeps* saiu em 1611, porque 59 das sentenças da 11.^a Centúria e 62 do “Appenso de palavras duvidosas” são da autoria de Roboredo, assim como o Português utiliza números interlineais, apresenta a enunciação dos substantivos e dos adjectivos e indica a conjugação dos verbos. O’Mathuna refere-se a esta edição como sendo, sob o ponto de vista pedagógico, “the most interesting of all editions” (O’Mathuna 1986: 84).

os estrangeiros que desejão a Portuguesa, e Espanhola (Lisboa: Pedro Craesbeek). Em 1625, publicou a *Grammatica Latina de Amaro de Roboredo. Mais breve, e facil que as publicadas até agora na qual precedem os exemplos aas regras* (Lisboa: Antonio Alvarez).

A *Verdadeira grammatica latina* de Amaro de Roboredo é a segunda gramática latina escrita em Português⁵, tem o tamanho *in* 8º e é composta por 137 páginas na sua totalidade: “prologo” (4 páginas), a “grãmatica latina” (95 páginas) e 2 suplementos, um sobre o “Accento, Medida da Syllaba” (16 páginas) e outro com as 8 “Objeições contra esta grammatica, & reposta a ellas” (22 páginas).

2. O método de ensino-aprendizagem do Latim na *Verdadeira grammatica latina*

Amaro de Roboredo antecipou-se em cerca de 130 anos⁶ aos oratorianos, que predominaram no ensino do Latim em Portugal em meados do século XVIII, relativamente não só ao uso do Português como metalinguagem científica mas também quanto ao método de ensino (aliás, aprendizagem) das línguas, já que procurou abreviar a gramática o mais possível, de modo a evitar o supérfluo:

A diligencia, que algũs teverão em acrescentar a Grammatica para que não ficasse diminuta, teverão outros em a diminuir, para que não fosse superflua (...). Fugindo pois extremos quanto pude, elegi do muito, o necessario, & de muitos o melhor, mais breve, & facil (Roboredo 1615: “Prologo”, ¶ 3 r.).

Até ao aparecimento deste exemplar da *Verdadeira grammatica latina*, não era claro para nós se Roboredo sabia da existência de outra gramática latina redigida em Português e, no *Methodo Grammatical para todas as linguas* (Lisboa: Pedro Craesbeck), a sua expressão era dúbia, pois aparentemente estaria a referir-se a ser ele o primeiro a

⁵ A *Arte de Grammatica, pera em breve se saber Latim* de Pedro Sanches foi publicada cinco anos antes, em 1610.

⁶ Veja-se, por exemplo: Monteiro, Manoel (1746): *Novo methodo para aprender a grammatica latina*. Lisboa: Officina de Francisco da Silva.

utilizar o Português como metalinguagem para o ensino e aprendizagem das línguas, em particular o Latim:

Por se não saber primeiro a língua Materna per arte, vão na Latina Mestres, & Discípulos morrendo com ambas juntas (...). Pode ser que seja eu o primeiro, que rompa o mato da minha Materna, como melhor soffrerem suas muitas irregularidades; exposto aos encontros de muitos que quererão defender suas Orthographias, cujas raizes ignoradas serão patentes na Grammatica: *Et nos manum ferulae subduximus* (*Idem* 2007: “Prologo”, b. 1 v. [18])

Contudo, na “quinta objeçam”, argumentando sobre as partes da oração, Roboredo faz referência, entre outros, à perspectiva de Pedro Sanches: “Despauterio, Scaligero, Manoel Alvarez, Pedro Sanchez, & outros que seria processo referir oito” (*Idem* 1615: f. 59 v.). Em consequência, Amaro de Roboredo conhecia a *Arte de Grammatica* de Pedro Sanches e, portanto, sabia que não era ele o primeiro a utilizar o Português numa gramática latina. Deste modo, talvez se estivesse a referir, nessa passagem do *Methodo Grammatical*, à sua experiência pedagógica e ao método utilizado por si, ou seja, nesta interpretação, “o mato da minha Materna” corresponderia às dificuldades (“mato”) sentidas na sua pátria com os portugueses de então (“minha Materna”).

Tanto na *Verdadeira grammatica latina* como nas suas restantes obras de cariz linguístico, Roboredo defende, à saciedade, o emprego do Português nas gramáticas latinas:

Facil fora screver a arte em latim, mas *absurd[u]m est scientiam simul, & modum scientiae quærere*, di[z Ari]stoteles, & Soares acerca do mesmo lugar (*Ibidem*: f. 64 v.);

Ninguém aprende hoje grammatica pelas que stão scrittas em latim, por mais que o discipu[lo] quebre a cabeça repetindo infinitas vezes o que não [ent]ende, senão da boca do mestre, que tambem quebra a [su]a em lhe querer meter na memoria as significações das p[a]lavras, & o conceito das regras (*Ibidem*: f. 65 r.).

Relativamente ao método de ensino do Latim, Roboredo mostra as suas preocupações com a aprendizagem dos alunos, uma vez que esta deve ser gradual e que nem todos os conteúdos gramaticais podem ser estudados da mesma foma. Defende também o uso (parcimonioso

ou “a menor parte”) da memória, pois haveria matérias que deviam ser decoradas pelos alunos e outras desenvolvidas pelos professores:

O methodo he o mais facil, que me occorreo, ainda que largo por tocar com clareza cousas novas, & satisfazer a velhas, sem o que não seria a novidade bem aceita: porque o que stã aqui[rido em] boa fee per longo tempo, he difficultoso deixar em breve: porq̃ o discipulo decõre soamente os artigos apontados com esta dicção, Discipulo, & o mestre explique os que mostra esta, Mestre, para que fiquem entendidos: porq̃ nem o discipulo deve decorar tudo, nem a arte ser falta delle (*Idem* 1615: “Prologo”, ¶ 3 r.).

Com efeito, para Roboredo, uma gramática deve corresponder a um equilíbrio entre a *ratio* e o *usus*, de modo a satisfazer as necessidades quer dos alunos quer dos professores: deve ser diminuta, para os alunos não se “perderem” em definições, conceitos e excepções; e deve ter as ocorrências mais significativas para que os professores a possam usar como um manual de ensino. Por isso,

Bastão Nominativos, & Conjugações, Genero, & Preteritos, com as concordias, & regencias de casos em summa (*Ibidem*);

Recorramos pois com poucos preceitos decorados ao uso, que sendo conti[nuo] he bom mestre, & a sollicita advertencia bom discipulo: & nisto stã a brevidade. Seja a arte longa ou breve, o uso dà o necessario, & o fixa na memoria (*Ibidem*: “Prologo”, ¶ 3 v.);

Por causa do superfluo, não perceb[e]m os principiantes o necessario (*Ibidem*: f. 58 r.- f. 58 v.);

Não encarregamos ao [pri]ncipiante de tudo, senão da menor parte para decorar (*Ibidem*: f. 64 r.).

Como, na época, o Latim era a língua franca e a cultura se transmitia na língua oficial da Igreja Católica, Roboredo explicita que o objectivo principal da aprendizagem do Latim era ser capaz de ler, traduzir e entender os livros, clássicos ou contemporâneos, e começar com retroversões seria um erro pedagógico. Primeiro os alunos deviam ser capazes de traduzir de Latim para a língua materna e só posteriormente de Português para Latim:

O trabalho empregará na muita explicação de livros, em que consiste tudo, & dos quaes aprendemos hoje a lingua Latina. Donde primeiro se ha de resolver,

que compor: & logo hũa, & outra cousa reciprocamente, porque o que não sabe traduzir em lingua materna a oração, que o mestre lhe resolve em suas partes naturaes, [não sa]be traduzir a materna na latina, nem mutilala confo[r]me o uso, nem inteirala conforme a Grammatica (*Ibidem*: “Prologo”, ¶ 3 r.).

A *Verdadeira grammatica latina* é um efectivo manual escolar e um curso “intensivo” de Latim, como hoje os entendemos, pois está estruturada em 2 níveis ou fases de aprendizagem, cada um dos quais organizado em 5 capítulos ou divisões: nível inicial (até à “divisam V”); e nível de consolidação (da “divisam VI” à “divisam X”). Esta concepção foi inspirada nas outras artes liberais, a Lógica e a Retórica. Com efeito, para Roboredo,

E por ser [a] primeira arte das liberaes, pareceo bem fazer com ella po[...]ria aas duas seguintes, para que a proporção de [...]e ellas facilite ao principiante a aprensão. Se ao orador pois da a a Logica para a sua oração, invêção, & disposição, & a Rhetorica o ornamêto, tâbê ao grammatico para a sua lhe offerece esta arte as primeiras quatro [divi]soês de [i]nvenção, & as cinco sequin[t]es de disposição, & [a] ultima para ornamento com [a] variedade de decli[n]ações, & fuguras. E se algũs Rhetoricos meterã[o] na disposição a memoria, também lhe responde o artigo terceiro da divisãõ [qu]inta, onde começa nossa disposição. E se no fim de [...] [tra]ttão a pronunciação da oração, tambem no fim do nosso ornato trattamos a pronunciação da dicção, & per consequente da mesma oração: la como orador, aqui como grammatico (*Ibidem*: “Prologo”, ¶ 4 r.).

A fase inicial devia ser estudada sequencialmente e continha o que tradicionalmente as gramáticas quinhentistas apresentavam nos *rudimenta*: “Divisam I”: “Das Declinações dos Nomes” (f. 2 r.-f. 6 r.); “Divisam II”: “Das Conjugações dos Verbos” (f. 6 r.-f. 20 r.); “Divisam III”: “Dos nomes sustantivos, & adjectivos” (f. 20 r.-f. 24 v.); “Divisam IIII”: “Dos Verbos, & seus Preteritos” (f. 24 v.-f. 29 v.); “Divisam V”: “Composição das partes da oração” (f. 29 v.-f. 32 v.).

A segunda fase, ou de consolidação, podia ser estudada em “circulo” (hoje poderíamos dizer em espiral), pois, para Roboredo, não havia qualquer necessidade de se estabelecer qualquer ordem pré-determinada por serem os seus conteúdos independentes uns dos outros. Esta escolha devia ser do encargo do professor, conforme as necessidades dos textos e a aprendizagem concreta dos alunos:

Das dez divisões, em que este methodo va[i] repartido, vão as ultimas cinco, como em circulo, porque por qualquer divisaõ, ou artigo se pode começar, & fazer delle principio (*Ibidem*: “Prologo”, ¶ 3 v.-¶ 4 r.).

O seu se segue nesta Arte vai como em circulo, porq[ue] de qualquer divisaõ, ou artigo podem fa[zer] principio s[em] o impedir supposição, ou dependencia (*Ibidem*: f. 31 v.).

Roboredo subdividiu esta segunda fase de aprendizagem ou de consolidação nas seguintes divisões: “Divisam VI”: “Regencia dos casos” (f. 32 v.-f. 36 v.); “Divisam VII”: “Advertencias particulares das partes da oração” (f. 36 v.-f. 40 v.); “Divisam VIII”: “Do Verbo” (f. 40 v.-f. 43 v.); “Divisam VIII”: “Das ultimas tres partes da oração” (f. 43 v.-f. 45 r.); “Divisam X”: “Das Declinações, & figuras” (f. 45 v.-f. 48 r.).

Particularmente interessante são as “taboadas” ou “summa das Declinações, & Conjugações” que Roboredo apresenta no “Corollario I” (f. 17 r.-f. 18 r.) e “Corollario II” (f. 18 r.-f. 19 v.), respectivamente. Com efeito, no “Corollario I”, Roboredo evidencia um quadro sinóptico das cinco declinações latinas, expondo apenas os morfemas casuais (f. 7 v.):

Nomin.	1. Musa	2. Dominus	[3. Sermo]	[4. Sensus]	[5. Dies]
	a	us um	[o u]s	us u	es
Genit.	æ	i	is	us u	ei
Dat.	æ	o	i	ui u	ei
Accus.	am	um um	em us	um u	em
Vocat.	[a]	e um	o us	us u	es
Ablat.	a	o	e	u u	[e]
<i>N. Plural</i>					
Nomin.	æ	i a	es a	us a	es
Genit.	arum	orum	um	uum	erum
Dat.	is	is	ibus	ibus	ebus
Accus.	as	os a	es a	u[s] a	es
Vocat.	æ	i a	es a	us a	es
Ablat.	is	is	ibus	ibus	ebus

No “Corollario II”, Roboredo sintetiza as conjugações regulares activas latinas (f. 18 r.-f. 19 v.), indicando apenas os sufixos pessoais e temporais⁷ e fazendo corresponder as letras A. B. C. e D. à primeira, segunda, terceira e quarta conjugação, respectivamente :

	amo 1.	Doceo 2.	Lego 3.	Audio 4.
[1. P]resen[te]	O A. as at amus atis [an]t	Eo B. es et emus etis ent	O C. is it imus itis unt	Io D. is it imus itis iunt
[1. Im]perf.	A[b]am A. abas aba[t] abamus ab[ati]s abant	Ebam B.C. ebas ebat ebamus ebatis ebant		Iebam D. iebas iebat iebamus iebatis iebant
1. Perfeito	I A.B.C.D. isti it [im]us isti[s] erunt / ere			
1. [Pl]usq.	Eram A.B.C.D. eras erat eramus eratis erant			

⁷ Esses sufixos não podem ser classificados como modotemporais, porque, para Roboredo, como para Francisco Sánchez de las Brozas, não existiam modos, apenas tempos verbais.

1. Futur.	Abo A. abis abit abimus abitis abunt	Ebo B. ebis ebit ebimus ebitis ebunt	Am C. es et emus etis ent	Iam D. ies [iet] ie[mus] ieti[s] ien[t]
[2.] Presen[te]	Em A. es et emus [e]tis ent	Eam B. eas eat eamus eatis eant	Am C. as at amus atis [an]t	Iam D. ias iat [iamus] iatis iant
2. Imperf.	Arem A. ares aret aremus aretis arent	Erem B.C. eres eret eremus eretis erent		Irem D. ires iret iremus iretis irent
2. Perf.	Erim A.B.C.D. eris erit erimus eritis erint			
[2.] Plusq	Issem A.B.C.D. isses isset [issemus] [issetis] [issent]			
2. Futur.	[Ero] A.B.C.D. [eris] [eri]t e[ri]mus eritis er[int]			

3. Futuro	a vel [a]to A. ato ate / atote anto	E / eto B. eto ete / eto[t]e ento	E / ito C. ito ite / itote unto	I / ito D. ito ite / itote iunto
Infinit.	are A. isse A.B.C.D.	ere B.	ere C.	ire D.
Supin.	Tum A.B.C.D.			
Particip.	A[ns] A.	Ens B.C.		Iens D.
[Participium]	Urus, a,um A.B.C.D.			
Fut[urum]	Andus A.	Endus B.C.		Iendus D.
Pa[rticipium]				
Pass.	[Tus, ta, tum A.B.C.D.]			

Esta estratégia iria atingir o seu apogeu, quatro anos mais tarde, em 1619, na *Recopilaçam da grãmatica portugueza, e latina, pela qual com as 1141 sentenças insertas na arte se podem entender ambas as linguas*, suplemento extratextual que se encontra entre as páginas 78 e 79 do *Methodo Grammatical para Todas as Linguas* (Lisboa: Pedro Craesbeek), onde Roboredo mostra uma sistematização comparativa das gramáticas latina e portuguesa (cfr. *v.g.* Assunção e Fernandes 2007: XLIX-LIII).

O método aqui exposto deve ter suscitado muitas dúvidas aos seus coetâneos de tal modo que Roboredo sentiu necessidade de garantir o seu sucesso e os professores que o aplicassem teriam mais êxito em apenas um ano do que pelo método tradicional em três ou quatro:

A muitos, q̃ se sabem não sa[be]m sair do que estudarão, não pude bem persuadir a brevidade deste methodo: porem não faltando o trabalho do mestre (deixando ingenhos tam excellentes, & laboriosos, que em seis meses esgotarão a Grammatica) os que em dez, ou doze a não perceberem, ou andao distrahidos, ou não studão, ou não teem ingenho natural para esta (*Ibidem*: “Prologo”, ¶ 3 v.);

O intento de tudo, não he publicação de nome vão em cousa tal, & que qual-quer melhor fezera, mas o proveito do proximo a quem lembro se deseja grammatica, que se aproveite, & ao censorador, que antes da sentença leã as repostas das objeções, que vão no fim: & se determina examinar affeito ao que studou, ou leo, não passe dâqui, porque vai o juizo suspeito, & [tu]do lhe

descontentara: soamente fique sabendo, que [s]e pode per este caminho saber em hum anno, o que [per o]utros em tres, & quatro, no cabo dos quaes fi[c]ão os [stu]dantes sufficientes para começar, perdendo gastos[, g]astando tempo irrecuperavel (*Ibidem*: “Prologo”, ¶ 4 r.).

As críticas também devem ter sobrelevado e Roboredo, para além das justificações que prestou no final da *Verdadeira grammatica latina*, censurou os seus detractores:

Participou este Methodo o aborrecimento do outro tambem apressado dirigido sô aa Latina, em que não fiz mais que provar a pena, & juntamente as mordeduras. Porque lhe chamarom confuso, deminuto, instavel; nem querião que se intitulasse verdadeiro, ainda que de sua verdade constasse. Arguião per hum dos argumentos de sua Logica, que he Enthimema de antecedente calado, assi: Eu não entendo este Methodo; logo elle não presta. O Antecedente por lhe tocar calarão: o Consequente por perjudicar, publicavão (*Idem* 2007: “Prologo”, a 2 r. [11]).

3. Uma verdadeira gramática ao serviço do racionalismo sanchista⁸

Com a publicação da *Verdadeira grammatica latina para se bem saber em breve tempo*, Roboredo marca uma profunda alteração de rumo doutrinal e metodológico na gramaticografia latino-portuguesa, antecipando boa parte das propostas que desenvolverá nas suas obras gramaticais mais conhecidas. No que respeita à fundamentação teórica, Roboredo expressa sem rodeios a organização especulativa da sua Arte, citando, logo no início do prólogo, Francisco Sánchez de las Brozas e o reformador da gramática de António de Nebrija:

A diligencia, que algũs teverão em a[c]rescentar a Grammatica para que não ficasse diminuta, teverão outros em a diminuir, para que não fosse superflua, que discursos de mortaes carecem de [c]onsistencia. Fugindo pois extremos quanto pude, elegi do muito, o necessario, & de muitos o melhor, mais breve,

⁸ Tradução e adaptação de: Ponce de León, Rogelio (2006): “De pasiones gramaticales: en torno a las *Obieções contra esta Grammatica, & repostas a ellas* de Amaro de Roboredo”. In: *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. Porto: Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3: 67-77.

& facil a quem imito. Este hê o Doutor Francisco Sanchez, a qu[e]m tambem seguirão os reformadores de Nibrissense no anno de nouenta, & oito, se elle não foi o principal (*Idem* 1615: “Prologo”, ¶ 3 r.).

Poder-se-ia pensar, num primeiro momento, que Roboredo se serve exclusivamente das propostas pedagógicas do catedrático salmantino. Contudo, linhas mais abaixo, o Gramático de Algozo, novamente, se encarrega de dar a conhecer a sua principal fonte doutrinal:

As concordias, regencias, & partes da oração, & outras regras, ainda que em parte pareçam fora do uso, são fundadas em philosophia: & assi servem para as outras linguas Grega, Hebraica, &c. Que não he pequeno atalho, pois soo com declinar, & conjugar advertindo as particularidades, que tiverem de genero, & preteritos, se podem perceber, depois [da L]atina (*Ibidem*: “Prologo”, ¶ 3 v.).

De forma coerente com o enunciado no prólogo, descobre-se na *Verdadeira grammatica latina* uma leitura promenorizada das obras linguísticas do humanista estremenho, começando pela caracterização inicial da gramática: “Grammatica he arte de fallar; seu fi[m] he hũa oração bem concordada, [&] regida” (*Ibidem*: f. 1 v.)⁹. Sem entrar em pormenores sobre a influência do Brocense na *Verdadeira grammatica latina*, os dados recolhidos permitem-nos ter uma ideia acerca da evolução do pensamento gramatical em Portugal no início do século XVII, porquanto aquilo que era em Pedro Sanches uma tímida abertura face os pressupostos logicistas converte-se, na Arte roborediana, numa apologia clara dos argumentos racionalistas. Amaro de Roboredo não só introduz teorias até então desconhecidas na gramaticografia latino-portuguesa, como, no plano metodológico, a *Verdadeira grammatica latina* estabelece uma efectiva ruptura com a pedagogia do Latim até então dos preceptores portugueses.

De tal enfoque se podem extrair implicações decisivas tanto no plano metodológico como no doutrinal. Com efeito, a escolha do conteúdo de acordo com as necessidades dos alunos anula a sequência subjacente nas Artes latino-portuguesas – especialmente nos alvaresianos *De Institutione Grammatica Libri Tres* (e, em consequência, na

⁹ As semelhanças com a caracterização proposta pelo Brocense saltam à vista: “Grammatica est ars recte loquendi, cuius finis est congruens oratio” (*Verae breuesque*, f. 11 v.).

Ratio Studiorum jesuítica) –, nas quais o processo de ensino-aprendizagem das duas primeiras classes de gramática culminava com as figuras de construção¹⁰ – para passar, em seguida, à classe principal, dedicada ao estudo da prosódia e da métrica.

Contudo, por outro lado, na nossa opinião, a referida proposta diminui a importância, no plano da exposição da matéria gramatical, das figuras de construção, na medida em que a sequência circular que defende Roboredo, nesta segunda etapa, invalida a tradicional consideração de que o ensino daquelas pressupõe o estudo e a assimilação dos – intermináveis nas Artes normativas – preceitos sintáticos. E as figuras passam de um mero conjunto de conceitos, por meio dos quais se escreve correctamente fora dos limites da regra morfossintáctica, a recursos que explicam as diferenças entre o nível lógico e o nível do uso da língua; ou, por palavras de Eustaquio Sánchez Salor – a propósito da doutrina de Francisco Sánchez de las Brozas:

En todas las explicaciones [...] subyace el principio de que existen dos niveles de análisis lingüístico: el nivel de esquema racional y el nivel de realización; y el principio de que entre un nivel y otro puede haber diferencias o asimetrías; y que esas diferencias o asimetrías se explican por la intervención de las figuras de construcción (Sánchez Salor 2002: 518).

Com efeito, tais palavras podem adequar-se à explicação de Amaro de Roboredo, segundo o qual a figura de construção, sem deixar de ser um elemento importante para determinar a correcção da expressão escrita – talvez também oral –, constitui um procedimento explicativo puramente linguístico.

¹⁰ O capítulo dedicado às figuras de construção é bastante reduzido na *Verdadeira Grammatica* (ff. 46 v.-48 r.); muito provavelmente o conteúdo terá sido tomado por Roboredo das *Institutiones* brocenses. Veja-se, a título de exemplo, a caracterização inicial naquelas duas obras:

<i>Verae breuesque grammatices latinae institutiones</i> (1595)	<i>Verdadeira grammatica para se bem saber em breve tempo</i> (1615)
Figura est anomalia sive inaequalitas partium, quae fit per exuperantiam, per defectum, per discordiam et inversum ordinem. Sunt igitur quatuor figurae: pleonasmus, ellipsis, syllepsis, hyperbanton (f. 26 r.).	Figura na Grammatica he desigualdade de partes da oração per defeito, per redundancia, per discordia, per ordem mudada. [Per] defeito he Ellip[si ...] na redundancia Pleonas[m]us; na discordia Syllepsis; na ordem mudada Hyperbaton (ff. 46v.-47 r.).

Por outro lado, o gramático português exclui da exposição gramatical a matéria que habitualmente se estudava na prosódia e na métrica:

As artes de accentuar, medir, & metrificar são tão conjuntas aa Grammatica, que muitos as fazem partes della: porque de concordar, & reger dicções, a entoalas, & medilas ha pouca distancia; assi como da oração solta aa ligada. Porem não são partes da grammatica, porque a Accentuaria he arte de entoar syllabas, & dicções, tem por fim hũa dicção bem entoada: a Mensuraria hê arte de medir syllabas, & dicções per pronunciações temporaes; seu fim hê a dicção bem medida: a Metrifica ensina a medir versos, tem por fim a oração ligada com certas m[e]didadas, & certo numero dellas: a Accentuaria respeita a [or]ação solta, & rhythma: Mensuraria o pee, & metro: a Me[trifi]ca o verso, poema, & poesia, como fiis remotos (Roboredo 1615: f. 48 v.).

Pode concluir-se de tais palavras uma delimitação clara entre a matéria que se refere exclusivamente à gramática e aquela outra cujos princípios, apesar de ocuparem um espaço relevante nas Artes gramaticais, são alheios, *stricto sensu*, ao sistema linguístico, pelo menos tal como o apresenta Roboredo. Posto isto, não restam dúvidas de que a apresentação pedagógica e doutrinal de Roboredo era muito distante da Arte gramatical que se utilizava então nas escolas portuguesas. A publicação, por conseguinte, de umas notas em que se refutassem antecipadamente os argumentos dos mestres mais conservadores constituía uma necessidade imperativa.

4. *Repostas contra objeicões*

4.1. *Composição do opúsculo*

O tratado é constituído por oito objecções, a cada uma das quais se lhes seguem refutações correspondentes. São as seguintes:

- i. “Se este modo de grammaticar fora bom ja pelos antigos stevera ensinado” (*Ibidem*: ff. 56 v.-57 r.);
- ii. “Quando este methodo fora de proveito os que teem carrego publico de ensinar, o praticarão” (*Ibidem*: ff. 57 r.-57 v.);
- iii. “Nas Conjugações faltão modos, & algūs tempos” (*Ibidem*: ff. 57 v.-58 v.);

- iv. “E[sta Arte h]e falta de rudimentos & diminuta no genero” (*Ibidem*: ff. 58 v.-59 r.);
- v. “He demi[n]uta nas partes da oração, porque todos ensinaõ oito” (*Ibidem*: ff. 59 r.-62 r.);
- vi. “He falso [reger todo o] verbo, que não for passivo, accusativo, & n[ão] regerem os [ver]bos neutros dativo, & outros ou[tro caso]” (*Ibidem*: ff. 62 v.-64 r.);
- vii. “E[sta] Grammatica da regencia por diante he mui larga, [para] a brevidade que promete, & assi não fica mais curta que muitas que hoje se ensinaõ” (*Ibidem*: ff. 64 r.-64 v.);
- viii. “Devia esta grammatica ser scritta na lingua latina assi para ornamento della como para os principiantes se acostumarem aa pronunciação das palauras latinas, & saberem suas significações” (*Ibidem*: ff. 64 v.-67 r.).

Com efeito, Amaro de Roboredo reflecte sobre os aspectos que podiam suscitar maior polémica e pelos quais podia ser alvo de críticas. Tais objecções – como não podia deixar de ser – abarcam tanto os aspectos de índole pedagógica como linguística; também não é de estranhar a fonte – de que se serve o gramático português para refutar as críticas; referimo-nos a Francisco Sánchez de las Brozas, autor que termina a sua *Minerva* com uma *Responsio ad quaedam obiecta* (Sánchez de las Brozas 1995: 664-671) e com uma série de objecções – com as suas correspondentes *responsiones* – que poderia questionar o argumento do Brocense, segundo o qual “qui latine garriunt corrumpunt ipsam latinitatem” (*Ibidem*: 672-681)¹¹. Embora havendo diferenças de conteúdo evidentes entre os opúsculos do Brocense e o de Roboredo, parece inegável a filiação entre eles, pelo menos na estrutura e na intencionalidade.

4.2. Argumentação contra as objecções gramaticais

No que se refere às objecções gramaticais, estas centram-se nas questões que mais afastam a *Verdadeira grammatica latina* da *De institutione grammatica libri tres* – ainda que em nenhum momento Robo-

¹¹ Tanto estas como as que se integram na *Responsio* foram editadas com os *Paradoxa* (Amberes, *Ex officina Christophori Plantini*, 1582); Cf. Sánchez Salor 1995: 27.

redo se refira, nem na *Grammatica* nem nas *Repostas*, à Arte alvarésiana –, a saber: a eliminação do modo como acidente do verbo; a redução da tipologia de certos factos da língua – como o género dos nomes, os tempos verbais e as partes da oração – e a concepção sintáctica dos verbos – a atribuição, no nível lógico, de uma sequência em função de sujeito e de outra em função de complemento directo em todos os contextos oracionais –; propostas todas elas, por seu turno, defendidas pelo Brocense. Não restam dúvidas de que a introdução na gramática destes assuntos poderia suscitar repúdia entre os mestres acostumados a ensinar pela Arte de Manuel Álvares – ou por outros manuais normativos. As respostas às objecções que é dado chamar gramaticais não recorrem, contudo, de forma predominante à *Minerva* ou às *Institutiones* do Brocense; pode afirmar-se que a obra gramatical mais frequentemente citada é a *De causis linguae latinae* (Lyon 1540) de Júlio César Escalígero¹². Isto pode observar-se de forma clara a propósito da objecção sobre a ausência dos modos e sobre a redução do sistema temporal: na refutação correspondente, Roboredo, depois de introduzir a sua opinião¹³, fundamenta-a centrando-se na redução do sistema temporal, com uma extensa citação de Escalígero:

Soamente os primeiros presentes, passados, & futuros são necessarios & como naturaes se achão em todas as linguas, & servem nas sciencias. *Instans* (como diz Scaligero, li. 5. c. 113) *semper adest unde, & praesens dictum est, idcirco tria tempora pronunciat, praesens est, erit, fuit futurum, & praeteritum semper absunt* (Roboredo 1615: f. 58 r).

Com efeito, as referências às ideias contidas no livro *De causis linguae latinae* são muito abundantes e excedem em número as citações da *Minerva*. Neste sentido, Amaro de Roboredo é coerente quanto ao enfoque teórico da *Verdadeira grammatica latina*, na medida em que, nas *Repostas*, as fontes são predominantemente racionalistas. Por

¹² Recentemente publicou-se uma edição crítica do ensaio linguístico de Escalígero, com introdução, tradução e notas, da autoria de Pedro Juan Galán Sánchez (Cáceres, Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 2004).

¹³ “Não he a falta desta Grammatica, mas redundancia nas outras, que enculcão huã cousa por muitas” (Roboredo 1615: f. 57 v.).

isso, poderia surpreender outro dos autores frequentemente aludido no opúsculo; referimo-nos a Francisco Martins, catedrático de Latim na Universidade de Salamanca durante o último terço do século XVI e, por isso, colega – e inimigo – de Francisco Sánchez de las Brozas. Martins, além dos discursos incluídos na *De grammatica professione declamatio* (Salamanca 1588) e da *Oratio pro Antonio Nebrissensi* (Salamanca 1588), deu à estampa uma gramática intitulada *Grammaticae artis integra institutio* (Salamanca 1575), que, a partir de 1588, se editou em versão latino-castelhana¹⁴. A perspectiva teórica da Arte de Martins dista muito da do seu colega Sánchez de las Brozas, a tal ponto que o primeiro repudia reiteradamente as “subtilezas” especulativas dos gramáticos racionalistas. Ora bem, Roboredo também se defende das supostas críticas dos preceptores coetâneos, valendo-se de citada *Institutio* de Francisco Martins. A primeira referência ao catedrático salmantino introduz-se, novamente, na resposta à objecção terceira, a propósito da eliminação do modo como acidente verbal:

[Fran]cisco Martínez in Gram., diz que também lhe houverão de ajuntar modo potentativo, deprecativo, execrativo, postulativo, permissivo, e outros seiscentos. Brocense Min. li. 5 ca. 13 alê de apontar a inconstancia de Gramáticos na variedade de modos, diz na Grega: *Qui finxere modos, ratione modoque carebant*. Scaligero l. 5. c. 113. *Modus autem non fuit necessarius* (*Ibidem*: f. 58 r.)¹⁵.

¹⁴ Ponce de León, Rogelio (2004): “*In grammaticos: en torno a las ideas lingüísticas de Francisco Martins († 1596)*”. Porto: *Península. Revista de Estudios Ibéricos*, 1: 215-234. Sobre os opúsculos oratórios do preceptor português, remetemos para as referências bibliográficas apresentadas no dito artigo. Há dois anos, Guadalupe Morcillo Expósito contrapôs os argumentos do Brocense e do gramático de Lamego (cf. “Francisco Sánchez de las Brozas y Francisco Martínez en Salamanca”. In: *IV Congreso Internacional de Humanismo y Pervivencia del Mundo Clásico*, en prensa). Agradecemos à autora ter-nos facultado uma cópia do seu estudo.

¹⁵ O comentário parece estar inspirado na anotação correspondente da *Institutio* de Martins:

Si queremos q̄ el principiante decore el optatiu y subiunctiuo, tambien le podremos mãdar decorar, modo potetativo, deprecativo, execrativo, postulativo, permissivo y otros seys cientos; quando mucho se podria avisar q̄ el subiunctivo, ya q̄ assi quieren, si se le ayunta vtinam, se llame optativo, y cõ otra qualquier partícula subiüctiuo, y si no tuviere ninguna le suelen llamar modo potencial, porq̄ vale por possum, tes, o debeo, es (*Martins 1597*: f. 15 r.).

Não é de estranhar que Roboredo recorra aos mestres logicistas, mas não há dúvida de que a referência à *Grammaticae artis integra institutio* de Francisco Martins poderia surpreender o investigador da história da linguística, na medida em que a dita gramática se caracteriza por um anti-racionalismo exacerbado. No entanto, Roboredo – provavelmente o gramático português mais profundamente sanchista – não é, pelo menos no plano pedagógico, um gramático, por assim dizer, rigoroso, mas integrador. Com efeito, parece-nos oportuno sublinhar que, como acontece com a *Grammatica Latina* de 1625, a *Verdadeira grammatica latina* – insistimos, no plano pedagógico – aproveita certas propostas impulsionadas e desenvolvidas por Martins. E, por isso, tal preferência se reflecte nas *Repostas*¹⁶.

No que diz respeito às críticas relativas a aspectos da morfologia nominal, sobre o que versam as objecções quarta e quinta, a selecção das fontes não varia; assim, frente à objecção sobre a ausência da matéria gramatical que integra, genericamente, os *rudimentos* e a redução dos géneros, Roboredo começa a sua refutação com citações das gramáticas de Prisciano e Consêncio (*Ibidem*: ff. 58 v.-59 r.), para passar, de seguida, a reproduzir um extenso fragmento do *De causis linguae latinae*:

Scaligerus, lib. 5. *Quod per marem et foeminam propagarentur genera, genus id dictum fuit, quod autem extra haec duo, non directo significato generis nomen accipi debuit, sed per negationem; neutrum genus, quia non est genus, ipsum enim nomen indicat non esse genus, hoc igitur est quod non est. Hoc habent negationes ut non ponendo ponant.* Os mais são commentos de *Grammaticos*; & ainda estes tres, senão forão adjectivos de duas, & tres terminações (como advertio Sanchez, lib. 1) poderamos escusar, & as regras delles scrittas, & quando algũa faltàra: diz Paterculus referido por Martinez *Mallem necessaria praetermitti, quam misceri superuacanea* (*Ibidem*: f. 59 r.).

Novamente, além dos gramáticos *veteres*, Roboredo apoia-se nos especulativos Escalígero e Sánchez de las Brozas e no anti-racionalista

¹⁶ Compete, em qualquer caso, precisar que, ainda que se valorize uma certa aproximação entre Francisco Martins e o Brocense – por exemplo, na reflexão sobre o modo verbal –, os dois catedráticos salmantinos partem de posições doutrinárias opostas e irreconciliáveis.

Martins. O facto de se escorar em autores com posturas doutrinárias tão diferentes não constitui, contudo, um traço de incoerência no discurso argumentativo de Roboredo; é mester, a este respeito, estabelecer dois planos na exposição teórica do gramático de Algosó: para defender – do ponto de vista estritamente teórico – a redução dos géneros nominais, Roboredo recorre aos gramáticos racionalistas – como Prisciano e Consêncio –, ao mesmo tempo que, no que se refere à omissão do normativo gramatical correspondente a tal aspecto teórico, opta por invocar a autoridade de Martins – no caso reproduzido anteriormente, a opinião de um autor que apoia as teses do mestre salmantino. Estamos, na realidade, não só ante a defesa de um critério linguístico, mas também ante a reflexão da forma como seria pedagogicamente mais conveniente transmiti-lo no manual gramatical.

A quinta objecção, por seu turno, é a que ocupa um espaço maior na argumentação de Roboredo e centra-se – como já se disse – na crítica à redução das partes da oração. A *Verdadeira grammatica latina* propõe cinco classes de palavra (nome, verbo, preposição, advérbio e conjunção), diferentemente das oito tradicionalmente apresentadas pela generalidades dos autores¹⁷, se bem que estabeleça de forma

¹⁷ Roboredo, no início da objecção, dá notícia da divergência dos gramáticos relativamente à determinação do número das *partes orationis*:

Muitos Autores em numero não são equivalen[t]es a[...], & ainda que muitos ensinam o[ito p]artes, n[em t]odos: porque os Logicos com Aristoteles cont[ão duas. D]já mesma opiniaõ foi Varrão, & depois por senten[ça de] Dião numerou tres: & tantas, ainda que mal, numerão os Hebreos: hum moderno segue quatro, Nome, Verbo, Conjunção, & Adverbio: Os Stoicos cinco, Nome, Appellatio, Verbum, Pronomen, Coniunctio. Francisco Sanchez seis. S. Agostinho na sua Grammatica sete, porque regeitou a interjeição. Quintiliano com Aristarcho, & Palaemon, Charisio, Diomedes, Donato, Probus, Phocas, Asperus Iunior, Erasmo, Vasaeo, Despauterio, Scaligero, Manoel Alvarez, Pedro Sanchez, & outros que seria processo referir oito. Nibrissense acrescentou o Gerundio. Servio chegou a onze: Prisciano diz que algũs fezerão nove, algũs dez, outros onze, outros doze (Roboredo 1615: f. 59 v.).

O excerto mostra, por um lado, as leituras gramaticais do autor; concretamente, os gramáticos renascentistas e os coetâneos, como Pedro Sanches; por outro, dá a sensação de que Roboredo se inspira, em certas passagens, na *Minerva*. Contraponha-se, a este respeito, o seguinte fragmento:

Dividimus igitur orationem in voces seu dictiones, et has vocamus partes orationis. In quibus tanta est inconstantia grammaticorum, ut nihil certi nobis adhuc potuerint constituere. Varro duas ponit;

clara uma tipologia tripartida:

Produz [a] natureza hum composto de materia, forma, & união[. T]em a materia seus modos naturaes, & a forma os [seus. A Gra]mma[ti]c]a, como bugia da natureza, faz outro comp[ost]o artifici[al n]a imitação do natural: o composto he a oração, cujas par[te]s principaes sem que não pode cōstar são nom[e,] & verbo que [he] sua materia, & forma: & a Conjunção que os ata he sua união: & os modos do nome são as preposições que a elles com propriedade se aju[ntã]o, & regem caso: os modos do verbo são os ad[verbi]os (*Ibidem*: ff. 59 v.-60 r.).

Neste ponto, como em tantos outros, parece que Roboredo tem como referência a *Minerva*, na medida em que, nesta obra, deixa claro tal classificação; sustenta o Brocense que:

Cum igitur oratio sit finis grammatici, excutiamus ex quibus haec oratio possit constitui, ita ut nihil sit quod per orationem non possimus enuntiare. Sunt autem haec tria: nomen, uerbum, particulae (Sánchez de las Brozas 1995: 48)¹⁸.

Outra das objecções mais salientes centra-se na contestada – e de índole rigorosamente logicista – proposta sintáctica roborediana sobre a regência dos verbos e sobre a atribuição obrigatória de um nominativo para cada verbo. A argumentação fundamenta-se na doutrina

deinde ex sententia Dionis tres [...]. Quintilianus ostendit ab Aristarcho, quem frequenter sequitur Varro, octo partes esse factas. Sed idem Quintilianus ad undecim progressum fuisse ostendit [...]. Servius item undecim agnoscit. Nebrissensis, cum octo primum constituisset, addidit in constructione gerundia, ut ipse vocat, et supina, quod et ab aliis accepisse testatur (Sánchez de las Brozas 1995: 46-48).

Se se aceita, como parece lógico, a possibilidade de que Roboredo se tenha baseado parcialmente no texto reproduzido da *Minerva*, poder-se-ia corrigir algum erro – talvez devido a que não tinha presente a obra do Brocense, no momento da redacção –, como a alusão ao estabelecimento, por parte de António de Nebrija, de nove partes da oração e não dez, como realmente defende o humanista andaluz (Esparza Torres 1995: 189).

¹⁸ Não se deve ver, em qualquer caso, alguma contradição com a afirmação apresentada anteriormente em que Roboredo atribui ao Brocense seis partes da oração. Com efeito, o mestre estremenho apresentou esta última tipologia, inicialmente em 1562, na *Minerva seu de Latinae linguae causis et elegantia* (Sánchez de las Brozas 1981: 15), e depois em 1595, nas *Institutiones* (Sánchez de las Brozas 1595: f. 12r.).

racionalista, sendo – novamente – Escalígero o autor mais frequentemente citado:

Scal. 2. c. 63. *Hæc cum veteribus placuissent, qui contradiceret, nullum habuere.* Em todas as cousas se dà acção, ou paixão porque nenhũa soffre a natureza ociosa: logo basta (...). Podemos logo deixar a speciaria de verbos que grammaticos fingirão, pois soo activo, activo depoente & passivo se achão na lingua latina (...).

Que todo o v[erbo, que não for] passivo, ten[ha act]ividade cõsta de ser fo[rma,] como diz Plataõ, & hum moderno em hũa grammat[ica] imperfeita lhe chama alma da oração. Sendo pois fo[rma] activa, & não lhe dando actividade, & sujeito ca[paz de] ella, [da]remos c[au]sa sem effeito agente ã não faça nada como [adv]ertio San[che]z. Mais claro forma, & não forma, verbo & [não] verbo contração manifesta (Roboredo 1615: ff. 62 v.- 63 r.).

Parece-nos claro que a refutação roborediana não se afasta dos postulados logicistas seguidos ao longo das respostas sobre questões de tipo linguístico. Há uma fonte, contudo, a que ainda não foi feita referência: trata-se dos denominados por Roboredo *Reformadores da Grammatica de Antonio*; isto é, Juan Luis de la Cerda – no suposto de que o jesuíta toledano fosse o único revisor das *Introductiones Latinae nebricensis*. Com efeito, o gramático de Algosó regista, para fundamentar o enfoque teórico e pedagógico, numerosas alusões aos *De institutione grammatica libri quinque* – portanto, a segunda versão – em quase todas as respostas. Sirva como ilustração a menção à revisão do *Antonio* a propósito da objecção sobre a regência dos verbos:

Excluindo Francisco Sanchez [o] nome de neutros, dividio os activos em duas classes: hũa dos que passão sua actividade em varios, & incertos accusativos, *ut amo, lego*, a que chama activos incertos: outra dos que a passão, em hum determinado, & certo que teem, *ut sto, curro*: & por isso se chamarão activos certos, & não neutros: como querem gr[a]mmaticos. Vejase a divisão 8. artigo 2. por não fazer repetição. E a Minerva deste Autor lib. 3. ca. [3]. Nibrissa reformado libro 4. not. 9 (Roboredo 1615: f. 63 r.).

Como seria de esperar, Roboredo serve-se das anotações que, como já mencionámos, constituem a parte sanchista do manual. Por outro lado, as repetidas referências às explicações que conformam a segunda parte da revisão ao cuidado do P.^e La Cerda poderiam dar-nos um indício do desejo, por parte de Roboredo, de concretizar uma

reforma do ensino das letras latinas em Portugal semelhante à levada a cabo pelo jesuíta toledano – se bem que, no caso da *Verdadeira grammatica latina*, cabe reconhecer que a tentativa é muito mais profunda do que a que se havia concretizado em Espanha.

4.3. Das objecções pedagógicas à *Verdadeira grammatica latina*

Se, de um ponto de vista teórico, a *Verdadeira grammatica latina* supera, pelo seu aprofundamento teorético, claramente os *De institutione grammatica libri quinque* – na medida em que os postulados sanchistas, naquela, não só se contemplam nas anotações do que é dado chamar segunda fase de aprendizagem, mas também fundamenta o preceito gramatical –, no plano pedagógico, as diferenças entre os dois manuais são abismais, porquanto Roboredo aproveita, nesta matéria, as contribuições de figuras cimeiras no âmbito académico – o Brocense e Francisco Martins –; mas o gramático de Algozo não se limita exclusivamente a adoptar as propostas dos seus inspiradores; já referimos anteriormente que é um inovador no respeitante ao ensino da língua latina. E isso, sem dúvida, lhe poderia ocasionar inúmeras críticas. Em consequência, parte das *Repostas* centram-se na refutação de objecções sobre o método; concretamente, o facto de a *Verdadeira grammatica latina* não estar fundada na tradição, a escassa repercussão do método roborediano no ensino das letras latinas e de a gramática estar redigida em Português e não em Latim. Quanto a esta última objecção – a oitava –, o argumento de Roboredo evoca a defesa que Sánchez de las Brozas fez do uso do romance no ensino da língua latina:

A grammatica latina hê hum modo instrumental para saber a lingua latina, a qual fica em lugar de sciencia, & o absurdo commettido per todos os que screverão grammatica latina, na lingua latina, despois que deixou de ser vulgar, como e[ra] no tempo de Cicero, antes, & despois muitos annos (*Ibidem*: f. 64 v.).

Ou mais à frente:

Desta implicação nasce tão grande difficuldade ao triste principiante, por mais que o mestre trabalhe, que primeiro aborrece a arte, do que a goste: & o que

persevera chega a penetrála, quando ja tinha tempo para saber a lingua, & outras artes. Antes posso affirmar, que ninguem aprende hoje grammatica pelas que stão scrittas em latim, por mais que o discipu[lo] quebre a cabeça repetindo infinitas vezes o que não [ent]ende, senão da boca do mestre, que tambem quebra a [su]a em lhe querer meter na memoria as significações das p[a]lavras, & o conceito das regras: & porque a rudeza he muita & a memoria pouca, para remendar o absurdo, [u]saõ de cartapacios, em que se traduz a arte da lingua latina na materna, da qual percebem então as regras. E o mestre em dittar, o discipulo em screver, gastão o tempo, (que queriamos para muita explicação de livros, dos quaes se devem saber as significações, & frases, & não da arte) & no cabo de tres annos saem com a arte mal remendada, [&] bem duplicada em latim, & vulgar, sufficientes remendos para c[ome]çar (*Ibidem*: f. 65 r.).

Das passagens reproduzidas não parece despropositado concluir que Amaro de Roboredo tem em mente o manual que se utilizava nos centros escolares portugueses, a saber: a *Recognitio Vellesiana* da gramática do P.e Manuel Álvares. É verdade que em nenhum momento o cita explicitamente, mas há indícios de que a Arte é de Álvares/Velez e de que os mestre são os jesuítas. Uma das características principais da revisão dos *De institutione grammatica libri tres* ao cuidado de António Velez foi precisamente a manutenção do Latim como veículo transmissor dos conhecimentos gramaticais. Neste sentido, a referência à ineficácia pedagógica das artes que “stão escritas em latim”, quase com toda a probabilidade, tem como alvo o manual alvaresiano. Por outro lado, a crítica à forma como se estuda a gramática – a saber, simultaneamente com um manual em língua latina e a correspondente tradução em Português – parece uma clara alusão ao método de ensino então vigente, nos centros jesuíticos, que se valiam de tais materiais – ou, nas palavras de Roboredo, “cartapacios” – para tornar mais acessível o texto alvaresiano e que, segundo os dados de que dispomos, começaram a editar-se a partir de 1619¹⁹. Finalmente, quando Roboredo alude à duração exacta dos estudos de latinidade

¹⁹ Sobre os “cartapacios” publicados no século XVII, cf. Ponce de León, Rogelio (2001): “El Álvarez en vernáculo: las exégesis de los *De institutione grammatica libri tres* en Portugal durante el siglo XVII”. In: *Revista da Faculdade de Letras. Série “Linguas e Literaturas”*. Porto: II Série, Vol XVIII: 317-338.

– “no cabo de tres annos saem com a arte mal remendada” –, parece ter em mente as três classes de gramática preceituadas na *Ratio studiorum* jesuítica. Em consequência, talvez o autor esteja veladamente aludindo a Manuel Álvares e a António Velez ao afirmar, mais adiante, que:

outros a quem cõ aplauso offerece o vulgo indiuída fama [scr]everaõ em prosa, & verso duplicando a arte (*Ibidem*: ff. 65 r.- 65 v.);

e que, por outro lado, a *Verdadeira grammatica latina* se escreve com o objectivo de reformar os estudos de Latim à semelhança, *mutatis mutandis*, da reforma das *Introductiones Latinae* ao cuidado do P.^e La Cerda, como o mostram as contínuas alusões àquela, que aparecem também na objecção oitava:

Os reformadores de Nibrissa presentindo a dif[f]iculdade, ainda que a não provaraõ, screverão a maior parte [da] grammatica em vulgar: de modo que se a tornarão a reformar ficaria boa (*Ibidem*: f. 65 v.).

No que se refere à segunda objecção, sobre a – escassa – repercussão, entre os preceptores, do método em que se baseia a *Verdadeira grammatica latina*, Roboredo defende-se, como não podia deixar de ser, invocando a autoridade das três fontes principais nas *Repostas*, Júlio César Escalígero, Francisco Sánchez de las Brozas y Francisco Martins, mas também se justifica a si mesmo por se ocupar de uma tarefa tão pouco considerada socialmente como a de escrever sobre gramática:

Por ser a Grammatica materia de pouca consideração, se não devem occupar os qu[e te]em carrego pu[bli]co de ensinar, & como sufficientes para cousas maiores se empregão nellas, como s[ã]o Philosophia & Theologia, que levão atras si o entendimento. Porem algũs considerando os incommo[dos ...] os mal entendidos, deixando maiores occupações [...] odirão, descobrindo de entre terra suas raizes, & de entre toscos accidentes sua sustancia, como forão Cæsar Scaligero, Sanchez, Martinez, & outros que a deixarão tão, mais perfeita, quanto a natureza mais imitada (...). E de taes autores, o que melhor me pareceo, sigo, cujas opiniões, se boas, não deviam perder por serem referidas per hum rude: nem as de outros se falsas, melhoraremse por serem gavadas per muitos (*Ibidem*: ff. 57 r.-57 v.).

Dos três gramáticos mencionados, não restam dúvidas de que as preferências de Roboredo vão para o Brocense – embora, como já se disse, nas *Repostas* se cite mais frequentemente Escalígero – de quem afirma, na primeira objecção, ter tomado a fundamentação gramatical:

Como o vulgo recebe melhor as cousas per fama, que per exame, recorre ao antigo [...], para cega[r]. Pode ser que este modo tenha algu[m...], ainda que disso não tenhamos noticia (...). E de muitas cousas darei autores como a Francisco Sanches da principal, mas o modo com [toda]s as circunstancias hê com a pessoa singular (...). E ainda que em algum tempo têvera sido tal modo como se não tevera, tirandoo agora das mãos do esquecimento, o podemos offerecer por novo (*Ibidem*: ff. 56 v.-57 r.).

Com efeito, Roboredo reconhece que a *Verdadeira Grammatica Latina* se cimanta na doutrina racionalista do Brocense, mas, por outro lado, está consciente – e assim o afirma publicamente – da inegável contribuição, num plano metodológico, que constitui a sua gramática latina.

5. Conclusão

A *Verdadeira grammatica latina, para se bem saber em breve tempo, scritta na lingua Portuguesa com exemplos na Latina* (Lisboa 1615) de Amaro de Roboredo é um marco na historiografia linguística portuguesa, pela ruptura epistemológica que o seu autor procurou aplicar ao ensino da língua latina em Portugal: é a segunda gramática latina escrita em Português; Amaro de Roboredo pretendeu um equilíbrio entre a *ratio* e o *usus*, de modo a satisfazer quer as necessidades de aprendizagem dos alunos quer de ensino dos professores, especificando o que devia ser trabalhado pela memória daqueles e o que devia ser exposto nas aulas por estes; organizou o curso em dois níveis ou fases, o inicial e o de consolidação, particularizando a aprendizagem de um sequencialmente e de outro em espiral ou “circulo”; e sistematizou aquilo que hoje são classificados pela linguística como morfemas casuais e modotemporais, de modo a visualmente os alunos estabelecerem as conexões respectivas.

Por outro lado, as *Objeiçõs contra esta Grammatica, & repostas a ellas* não constituem unicamente um opúsculo de defesa perante as críticas desfavoráveis de que pudesse ser alvo a *Verdadeira grammatica latina*. A motivação de redacção das *Repostas* transcende, em nossa opinião, a apologia pontual de um manual, para passar a centrar-se na refutação dos materiais de ensino – a Arte tão criticada pelo gramático de Algosó e os “cartapacios” que resultavam nos mesmos cânones, mas em romance, e que não provocavam senão a perda de tempo do aluno e do mestre –, na crítica ao método pelo qual se aprendia a língua latina e na defesa das questões gramaticais mais controversas – não só em Portugal, mas também em Espanha e na Europa. Tudo isso, num contexto pedagógico-gramatical peninsular em que se assiste o surgimento editorial – não isento de problemas – de revisões sobre as gramáticas de Nebrija e de Álvares com diferenças inevitáveis entre uma e outra. Roboredo lança as suas críticas – sem a citar – contra a *Recognitio uellesiana*, a mais conservadora, metodológica e doutrinal das duas reformas, mas, por outro lado, do conteúdo das *Repostas* se depreende uma leitura atenta dos *De institutione grammatica libri quinque*. Talvez na mente do gramático de Algosó estivesse a conversão da sua Arte na reforma que necessitavam os centros escolares lusos. As *Objeiçõs contra esta Grammatica, & repostas a ellas* constituem, por isso, um documento indispensável para se ter um conhecimento pleno da situação pedagógica e gramatical de Portugal no início do século XVII.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal) (1931): *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança VII, Os Notáveis*. Porto.
- ASSUNÇÃO, Carlos (1997): *Gramática e Gramatologia*. Braga: Edições APPACDM.
- ASSUNÇÃO, Carlos (1998): “Amaro de Roboredo: Gramático e Pedagogo Transmontano”. In: *Estudos Transmontanos*, Vila Real.
- ASSUNÇÃO, Carlos e FERNANDES, Gonçalo (2007): “Amaro de Roboredo, gramático e pedagogo português seiscentista, pioneiro na didáctica das línguas e nos estudos linguísticos”. In: ROBOREDO, Amaro de: *Methodo Grammatical para todas as Línguas*. Edição facsimilada. Prefácio e Estudo Introdutório de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Coleção Linguística, 1: XI-CII.
- ESPARZA TORRES, Miguel Ángel (1995): *Las ideas lingüísticas de Antonio de Nebrija*. Münster: Nodus Publikationen.
- FERNANDES, Gonçalo (2002^a): *Amaro de Roboredo, um Pioneiro nos Estudos Linguísticos e na Didáctica das Línguas*. Tese de Doutoramento. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- FERNANDES, Gonçalo (2002^b): “A primeira gramática latina escrita em Português”. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*, Vol. 6, Fasc. 1-2. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia de Braga: 481-495.
- FERNANDES, Gonçalo (2004): “A *Ianua Linguarum* dos Jesuítas Irlandeses (Salamanca, 1611) e a *Porta de Línguas* de Amaro de Roboredo (Lisboa, 1623)”. In: *Boletim de Estudos Clássicos*, vol. 42. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra: 165-181.
- FERNANDES, Gonçalo (2005): “Ideias Pedagógico-Didácticas de Amaro de Roboredo”. In: *Gramática e Humanismo, Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*, Vol. I. Braga: ALETHEIA – Associação Cultural e Científica, Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa: 331-346.

- FONSECA, Maria do Céu (2006): *Historiografia Linguística Portuguesa e Missionária: Preposições e Posposições no Século XVII*. Lisboa: Edições Colibri, Coleção Estudos e Ensaio, 1.
- IESU, Industria Patrum Hibernorum Societatis (1611): *Janua Linguarum sive Modus maxime accomodatus, quo patefit aditus ad omnes linguas intelligendas. Industria Patrum Hibernorum Societatis Iesu, qui in Collegio eiusdem nationis Salmanticae degunt, in lucem edita: & nunc ad linguam latinam perdiscendam accommodata. In qua totius linguae vocabula, quae fraequentiora, & fundamentalia sunt continentur: cum indice vocabulorum, & translatione Hispanica eiusdem tractatus*. Salamanca: Franciscum de Cea Tesa.
- KOSSÁRIK, Marina A. (1997): "A Doutrina Linguística de Amaro de Roboredo". In: *Actas do XII Encontro da APL*, vol. II, *Linguística Histórica, História da Linguística*. Lisboa: APL: 429-443.
- MARTINS, Francisco (1597): *Grammaticae artis integra institutio*. Salamanca: Juan Fernández.
- MONTEIRO, Manoel (1746): *Novo methodo para aprender a grammatica latina*. Lisboa: Officina de Francisco da Silva.
- MORCILLO EXPÓSITO, Guadalupe (2005): "Francisco Sánchez de las Brozas y Francisco Martínez en Salamanca". In: *IV Congreso Internacional de Humanismo y Pervivencia del Mundo Clásico* (no prelo).
- O'MATHUNA, Sean P. (1986): *William Bathe, S. J., 1564-1614, A pioneer in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, Series III – *Studies in the History of the Language Sciences*, vol. 37.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (1996): "La pedagogía del latín en Portugal durante la primera mitad del siglo XVII: cuatro gramáticos lusitanos". In: *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*. Madrid: Servicio de Publicaciones U.C.M., n.º 10: 217-228.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2000): "O Brocense na teoria gramatical portuguesa no início do Século XVII". In: *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série "Línguas e Literaturas"*, 19: 491-520.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2001): "En Álvarez en Vernáculo: Las Exégesis de los *De Institutione Grammatica Libri Tres* en Portugal durante el Siglo XVII". In: *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas*. Porto: II Série, Vol. XVIII: 317-338.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2003): "La difusión de las artes gramaticales latino-portuguesas en España (siglos XVI-XVII)". In: *Pentínsula. Revista de Estudos Ibéricos*. Porto: Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 0: 119-145.

- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2004): “*In grammaticos: en torno a las ideas lingüísticas de Francisco Martins († 1596)*”. In: *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. Porto: Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1: 215-234.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2006): “*De pasiones gramaticales: en torno a las Obieções contra esta Grammatica, & repostas a ellas de Amaro de Roboredo*”. In: *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. Porto: Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3: 61-99.
- ROBOREDO, Amaro de (1615): *Verdadeira grammatica latina, para se bem saber em breve tempo, scritta na lingua Portuguesa com exemplos na Latina*. Lisboa: Pedro Craesbeek.
- ROBOREDO, Amaro de (1619): *Methodo Grammatical para Todas as Linguas*. Inclui: *Recopilaçam da grãmatica portugueza, e latina, pela qual com as 1141 sentenças insertas na arte se podem entender ambas as linguas*. Lisboa: Pedro Craesbeek.
- ROBOREDO, Amaro de (1621): *Raizes da Lingua Latina mostradas em hum trattato e dictionario, isto he, hum compendio do Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a ortografia, quantidade e frase dellas*. Lisboa: Pedro Craesbeek.
- ROBOREDO, Amaro de (1623): *Porta de linguas ou modo muito accommodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola. Agora accrescentada a portuguesa com numeros interliniaes, pelos quaes possa entender sem mestre estas linguas o que as não sabe, com as raizes da Latina mostradas em hum compendio do Calepino, ou por melhor do Tesouro, para os que a querem aprender, e ensinar brevemente; e para os estrangeiros que desejão a Portuguesa, e Espanhola*. Lisboa: Pedro Craesbeek.
- ROBOREDO, Amaro de (1625): *Grammatica Latina de Amaro de Roboredo. Mais breve, e facil que as publicadas até agora na qual precedem os exemplos aas regras*. Lisboa: Antonio Alvarez.
- ROBOREDO, Amaro de (2002): *Método Gramatical para todas as Línguas*. Edição facsimilada. Estudo Introdutório de Marina Kossárik. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ROBOREDO, Amaro de (2007): *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Edição facsimilada. Prefácio e Estudo Introdutório de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Coleção Linguística, 1.
- SANCHES, Pedro (1610): *Arte de Grammatica, pera em breve se saber Latim: Composta em lingoagem, e verso portugues. Com hum breve vocabulario no cabo, e algũas phrases latinas*. Lisboa: Officina de Vicente Álvares.
- SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, Francisco (1562): *Minerva seu de Latinae linguae causis et elegantia*. Lugduni.

- SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, Francisco (1587): *Minerva seu de causis linguae Latinae*. Salmanticae: Apud Ioannem, et Andream Renaut, Fratres.
- SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, Francisco (1595): *Verae breuesque grammatices latinae institutiones*. Salmanticae.
- SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, Francisco (1981): *Minerva (1562) o de los fundamentos y elegancia de la lengua latina*. Introdução e tradução de Eduardo del Estal Fuentes. Salamanca: Edições da Universidade de Salamanca, Acta Salmanticensia, Col. "Filosofia y Letras", n.º 132.
- SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, Francisco (1995): *Minerva o de causis linguae Latinae*. Libri I, III, IV (Introducción y edición Eustaquio Sánchez Salor), Liber II (edición C. Caparro Gómez). Cáceres: Institución Cultural El Brocense, Universidad de Extremadura.
- SÁNCHEZ SALOR, Eustaquio (1995): "Introducción". In: Brozas, Francisco Sánchez de las, *Minerva o de causis linguae latinae*. Cáceres: Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, e Institución Cultural «El Brocense».
- SÁNCHEZ SALOR, Eustaquio (2002): *De las "elegancias" a las "causas" de la lengua: retórica y gramática del humanismo*, (Colección de Textos y Estudios Humanísticos "Palmyrenus. Serie Estudios I). Alcañiz: Instituto de Estudios Humanísticos; Madrid: Ediciones del Laberinto/Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Cádiz: Universidad, Servicio de Publicaciones. Zaragoza: Universidad, Servicio de Publicaciones; Teruel: Instituto de Estudios Turolenses.
- TORRES, Amadeu (1984): "Humanismo Inaciano e artes de gramática, Manuel Álvares entre «ratio» e o «usus»". In: *Bracara Augusta*, 38, n.º 85-86 (98-99). Braga: 173-189.
- TORRES, Amadeu (1986): "Gramática da Língua e Gramática da Comunicação". In: *Diacrítica*, 1. Braga: Centro de Estudos Portugueses, Universidade do Minho: 23-29.
- TORRES, Amadeu (1987): "Arte ou Ciência, a Gramática?". In: *Diacrítica*, 2. Braga: Centro de Estudos Portugueses, Universidade do Minho: 5-15.
- TORRES, Amadeu (1998): *Gramática e Linguística: Ensaios e Outros Estudos*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia-Instituto de Letras e Ciências Humanas, Centro de Estudos Linguísticos.

GONÇALO FERNANDES
ROGELIO PONCE DE LEÓN
CARLOS ASSUNÇÃO